

DOIS

— Vá lá, atende. Atende — sussurro para o telefone público, de costas para o frio intenso da noite. As luzes de Natal ainda estão dispostas nas janelas das lojas, apesar de já ser véspera de Ano Novo.

Apenas uma hora, foi tudo o que chegou para a minha vida se virar do avesso. Agora estou aqui, a vaguear pelo centro da cidade, sem sapatos e a ligar para uma irmã que não vejo ou sequer falo há uma década.

— Estou sim? — A voz da Hannah parece cansada, mas ainda nem é assim tão tarde. Pelo menos, acho que não. Não tenho nenhum relógio e o meu telemóvel ficou em casa, na minha mesa de cabeceira a carregar porque a bateria é uma porcaria.

— Hannah, sou eu.

— Eu quem?

— Eu — sussurro. Claro. Ela já não reconhece a minha voz. Raios, provavelmente, nem me iria reconhecer a mim. — Ben.

Ouve-se algo a deslizar, um barulho do outro lado.

— Ben? Porque é que...

Interrompo-a.

— Podes vir buscar-me?

— O quê? Porquê? Que se passa?

— Hannah. — Olho à minha volta. As ruas estão desertas, provavelmente por causa das baixas temperaturas. Está toda a gente nas suas casas, no quente. Eu estou aqui, quase a perder o controlo dos meus dedos dos pés, a tentar com todas as forças não tremer com as fortes rajadas de vento.

— Ben, estás aí? Onde é que estás?

— À porta do Twin Hill Pizza. — Enfio as mãos debaixo dos braços e equilíbrio o telefone por entre a bochecha e o meu ombro. Ouço mais murmúrios do outro lado e a voz de alguém a falar.

— Que diabo é que estás a fazer aí? Está um gelo na rua.

— Os pais puseram-me fora de casa.

A linha fica silenciosa, e, por um segundo, penso que a chamada caiu sem aviso. Meu deus, não sei se irá funcionar ligar daqui uma segunda vez.

— O quê? — A voz dela parece quase sem emoção, tal como ficava quando ela estava realmente irritada. Normalmente, acontecia quando discutia com o pai. — Porque é que eles fizeram isso?

— Podes só, por favor, vir buscar-me? — Tento aquecer as mãos com a minha própria respiração. — Eu... eu posso explicar tudo depois.

— Sim, claro, espera por mim. Está bem?

— Vou para o Walgreens ao fundo da rua. — Consigo ver o sinal vermelho vivo daqui, apenas a um quarteirão de distância. Dou-lhe a morada e tento ouvir o que se passa do outro lado da linha.

— Muito bem, estarei aí o mais depressa possível.

A Hannah mora em Raleigh a, no mínimo, uma hora de distância. Talvez quarenta minutos se acelerar, pelo que vou esperar algum tempo. Pelo menos, ninguém dentro da loja parece querer saber que eu não esteja a seguir o protocolo ao não ter nenhuns sapatos calçados. O funcionário atrás da caixa registadora nem sequer olha para mim enquanto faço caminho para o canto mais escondido da loja e me sento numa cadeira perto dos lugares de espera da farmácia.

As minhas pernas estão doridas e abri um buraco numa das meias. Tiro as meias sujas e encharcadas dos pés e esfrego-os um no outro, dormentes, na esperança de sentir algum do calor de volta. Nenhum dos dedos está azul, tomo-o como um bom sinal.

Ao início, não noto que estou a chorar. Talvez pelo facto de já nem sentir muito da minha cara por causa do vento lá de fora. Ou, então, porque chorei quase duas horas seguidas antes de fazer a chamada. A minha visão fica desfocada quando o choro começa, novamente, a cair, e olho para os meus pés descalços. Tento o meu melhor para limpar as lágrimas, mas a pele por baixo dos meus olhos arde demasiado.

Meu Deus, sou um desastre.

Senti-me tão dormente no caminho para aqui, a tentar ao máximo chegar ao único sítio que sabia ter um telefone público. Toda a gente na escola gostava de gozar com o facto de, provavelmente, ser o último do país inteiro. Quem é que precisa de telefones públicos atualmente, não é?

Aperto os joelhos um contra o outro, na tentativa de não fazer barulho. Se algum dos trabalhadores me vê, não me diz nada.

— *Sai da minha casa.*

Nem sabia que era possível o pai olhar para mim daquela maneira. Foi... Assustador.

Ao início tudo correu calmamente. Foi quase como se me quisessem ouvir. Deixaram-me falar, e eu acabei. A mãe não tirou uma única vez as mãos do seu colar em cruz, o que a avó lhe deu quando ela tinha sete anos.

O pai falou primeiro.

— *É uma ótima piada, filho.*

A forma como o disse fez-me pensar que ele não achava completamente que era uma piada. Mas a voz soou calma, como se não se estivesse a passar nada.

— *Pai...*

— *Devas retirar o que disseste* — disse, numa tentativa de fingir que nada tinha acontecido. Que aquela conversa era como pó que podia apenas ser limpo para debaixo do tapete.

Mas não podia.

Mesmo que isso fosse possível, eu não o queria.

Ou pelo menos, acho que não.

— *Mãe.* — Olhei para ela e vi-a alternar entre olhar para mim e para o pai, sem dizer uma palavra. — *Por favor?*

Mas ela não disse nada. O pai continuava a ficar mais zangado. Não chegou bem a gritar comigo. A voz dele era mais do tipo assustadora-mente calma. Apenas ficamos ali sentados.

— *És o nosso filho, Ben. Isto, simplesmente, não faz sentido.*

— *Pai, eu posso...*

— *Sai da minha casa. Sai daqui.*

— *O quê?*

— *Tu ouviste.*

— *Por favor* — implorei-lhes. — *Não façam isto.*

O pai arrastou-me até à porta, e a mãe seguiu-o. Continuei a implorar, mas não mudou nada.

— *Mãe, por favor!*

— *Deus não quer isto para ti, Ben.*

Pedi-lhe que não dissesse aquilo e comecei a chorar. Mas não foi o suficiente. A porta fechou-se e eu quis que se abrisse novamente. Queria que fosse uma piada cruel da parte deles. Uma, mais tarde, pela qual os pudesse perdoar. Tentei abri-la, mas estava trancada, até a chave suplente guardada debaixo de uma pedra falsa não resultou porque tinham trancado também a trava de segurança.

Parei de baloiçar nervosamente para trás e para a frente na cadeira, a rezar para que a Hannah me encontrasse.

O que é que ela iria sequer poder fazer? Não me iriam aceitar de volta, pois não? Iria regressar sequer? A Hannah teria respostas para mim? Nem sei o que lhe devo contar, ou se me consegue ajudar. Meu Deus, e se for tão má como a mãe e o pai? Não pode ser. Ou pode?

Se ao menos tivesse mantido a boca fechada.

Não consigo acreditar, mas já se passaram mesmo dez anos. Desde que ela acabou o secundário, desde a última vez que falámos, desde que me deixou com eles e sem mais ninguém. Podia ser uma pessoa completamente diferente. Do tipo que odeia quem sou. Mas lá está, pensei que a mãe e o pai não o fossem.

— Ben?

Tremo ao ouvir aquela voz, sem querer olhar para ver quem era.

— Benji? — Passaram-se anos desde que ouvi alguém a chamar-me aquilo. — Anda.

Parecia impossível que a Hannah já lá estivesse, mas quem sabe.

— Hannah? — murmuro e a minha garganta parece não ter espaço para conseguir falar. Sinto-a dura e espinhosa.

— Anda. Estas meias são tuas, certo? — Levanta-as com cuidado. O olhar de nojo na sua cara é humilhante para mim.

Assinto.

— Estão rotas.

— E encharcadas. — Guarda-as na sua mala. — Vamos levar-te para casa.

Abano a cabeça em negação.

— Não quero. — Sinto-me uma criança, mas a ideia de lá voltar...

— Não posso voltar.

— Quis dizer para a minha casa. Vamos. — A Hannah coloca a mão no meu ombro para me segurar nos braços e ajudar-me a levantar. Devo ter ficado naquele acento mesmo uma hora, porque o sangue começa novamente a percorrer-me as pernas, deixando-as com aquela sensação estática que odeio. Andamos devagar e cada passo é como uma picada afiada na minha espinha. Em silêncio, rezo para que os funcionários tenham encontrado outra coisa com que se ocupar e não nos tenham visto a sair.

O carro dela ainda está ligado, felizmente. Quando acaba de me ajudar a sentar no lugar do passageiro e a pôr o cinto de segurança, corre para o lugar do condutor.

— Devia ter aquecido mais o teu banco, desculpa.

Pelo menos o carro está quente.

— Sentes-te bem? — Faz marcha-atrás e sai do lugar de estacionamento, olhando ora para mim ora para o para-brisas traseiro.

— Sim — digo. Embora «bem» seja o que menos estou.

Que devo fazer agora? Tudo o que tinha... foi-se.

— Estás com fome?

Não respondo, mas não estou. A mãe tinha feito frango para o jantar. Mas como me andava a preparar há semanas, meses até, o meu estômago tinha estado agitado o dia todo. Tanto que sabia que não iria conseguir manter na barriga o que quer que comesse. Até agora com a barriga vazia o meu apetite é inexistente, e pensar em comida deixa-me doente.

— Ben? — diz o meu nome, novamente. Mas, desta vez, parece estar a milhas de distância de mim. Depois ouço-a a murmurar. — Vou levar-te para o hospital.

— Não. — Agarro-a no braço como se isso a impedisse de inverter a marcha. — Estou bem, prometo.

— Benji...

— Podemos só ir para a tua casa? Por favor?

Olha para mim com os mesmos olhos castanhos que eu tenho, os mesmos que ambos herdamos do pai.

— Está bem. — Muda de sentido, e o barulho do pisca é o único a ouvir-se dentro do carro. — Não queres falar, pois não?

Abano a cabeça.

— Agora não.

— Está bem, tenta descansar ou assim. Acordo-te quando chegarmos.

O caminho é feito em silêncio, apenas com o volume baixo do rádio a tocar *Top 40* canções. Tento dormir ou descansar a cabeça e relaxar. Não pensar no que fiz, mas é impossível. Tudo porque disse aquelas três palavras.

— *Eu sou não-binário.*

A mãe e o pai sentaram-se sem falar por alguns segundos. O pai foi o primeiro a reagir e a pedir uma explicação. Foi justo e, talvez, um bom sinal. Não tinha certezas de nada, mas estava tendente a agarrar em tudo o que me fosse atirado naquele momento.

O pai diz a palavra começada com «b» e atinge-me como uma chapada. Nunca o tinha ouvido dizer aquilo. Foi naquele momento que o meu estômago se afundou. Tentei explicar quais eram as diferenças, o que é que não-binário significava, mas cada vez que tentava falar mais, mais vontade de chorar tinha. Depois começaram os berros, e estava tudo a acontecer demasiado depressa. Não conseguia falar nem entender o sentido do que diziam.

— *Precisas de te ir embora* — disse o pai logo sem pensar.

— Ben?

Devo ter adormecido em algum momento, os meus olhos estão pesados, a minha boca está dormente e nojenta e os meus membros tensos.

— Chegámos. — Estaciona o carro, mas deixa o motor ligado com ar quente ainda a sair.

Olho para aquela casa com os tijolos castanhos e a vedação verde. Nunca a tinha visto ou, pelo menos, nunca de noite. Somente em fotografias e publicações do Facebook. Era a única forma de conseguir acompanhar a vida da Hannah.

— Podes dormir no quarto de hóspedes, está bem?

Assinto e sigo-a pela garagem com os meus pés a tornarem-se novamente rígidos da exposição ao pavimento frio. A Hannah destranca a porta rapidamente e leva-me para o andar de cima, ligando a luz do quarto de hóspedes.

— A casa de banho é do outro lado do corredor, se quiseres tomar banho ou o que for.

Olho para o quarto. Tem uma cama tamanho *queen* grande e com muitas almofadas. Definitivamente melhor que o meu quarto, mas mais vazio. Não existem fotografias nas paredes ou pequenos brinquedos no armário.

— Toma. — Abre as portas do roupeiro espelhado e dá-me alguns cobertores. — Tenta dormir. Falamos de manhã, sim?

Assinto, novamente, e olho outra vez para a cama. Parece-me que quer acrescentar mais alguma coisa, ou abraçar-me, ou dizer-me que vai ficar tudo bem. Mas não faz nada disso.

Acho que até ela sabe que isso não é verdade.

Fecha a porta atrás de mim e o quarto fica ainda mais vazio.

Dispo-me até aos *boxers* e abro os lençóis, deitando-me na cama suave e não usada. Viro-me e reviro-me, mas, após alguns minutos, torna-se claro que não vou dormir nada esta noite. Cada vez que fecho os olhos vejo as caras deles. Tão vívidas, mesmo ali à minha frente e a gritar. Quando os abro, não existe nada mais que a escuridão solitária do quarto. Agarro no comando pousado na mesa de cabeceira e passo por alguns canais televisivos, acabando por parar numa repetição da *Sarilhos com Elas*.

Não consigo estar sozinho agora. Não esta noite.

Obrigade por seres uma boa amiga, Betty White.

TRÊS

O dia de ontem aconteceu *mesmo*.

Demoro mais do que alguns minutos a perceber que não foi só um pesadelo demasiado vívido, um sonho febril ou algo assim. Foi real.

Contei tudo aos meus pais e eles expulsaram-me.

E pensar que fui ignorante o suficiente para achar que iria correr bem. Achei mesmo. Pensei que podíamos ser uma família feliz e sem segredos. Eu poderia ser *eu*. Devia ter sabido que não iria ser assim.

Agora tudo mudou.

Tudo.

Não sei se deva chorar ou gritar ou ambos. Sinto que já fiz o suficiente, mas, ao mesmo tempo, parece que não gritei nem chorei tudo.

Sei que vou ter de sair da cama a algum momento e tentar resolver a situação, mas, por agora, preciso de estar só comigo. Eu, estas quatro paredes e a cama.

O mundo não tem de existir lá fora, e isso é perfeito.

— Continuo sem conseguir acreditar no que fizeram. — Ouço a voz da Hannah ecoar pela casa enquanto desço as escadas. Não pude ficar no meu próprio mundo para sempre.

— Ele ligou-te de um telefone público? — Não reconheço aquela voz, profunda e rouca. Acho que deve ser o marido. Thomas?

Existem limites para o que se descobre da vida de alguém no Facebook sem se ser amigos. Parece assustador, mas não podia arriscar que a mãe e o pai fossem ao meu perfil e vissem «Hannah Waller» na minha lista.

— Com temperaturas negativas na rua. — A Hannah deixa cair alguma coisa no lavatório com tanta força que, o que quer que fosse, tem de se ter partido.

Esfrego os olhos, sem saber ao certo que horas são, e tento encontrar o caminho para a cozinha.

— Hannah? — chamo, enquanto atravesso o corredor cheio de fotografias. Algumas reconheço do Facebook, outras deverão ser do casamento e outras são deles os dois num barco. Parecem felizes.

Uma porta ao fundo do corredor abre-se e a Hannah aparece, vestida com uma camisola larga e calças escuras.

— Bom dia. — Sorri e cruza os braços.

— Bom dia. — Esfrego a mão no meu cabelo, para que os caracóis atrás se endireitem.

— Fizemos o pequeno-almoço. — Guia-me pela porta em direção à cozinha. O homem branco de todas as fotos está sentado à mesa com um prato vazio empurrado para o lado. Tem barba e veste uma camisola com um logo desportivo de uma equipa qualquer que não reconheço.

— Bom dia. Dormiste bem? — é tudo o que ele me pergunta.

— Sim — minto. O meu corpo deve ter desligado, porque num minuto estava a tentar rir de alguma coisa na televisão e no outro o sol brilhava por entre as cortinas finas do quarto. Esta deve ser a sensação depois de se ter um autocarro a passar-te por cima.

— Ben, este é o meu marido, o Thomas. — Aponta para o homem na mesa. É estranho saber que agora existe um cunhado e que apenas o conheço por fotografias.

O Thomas levanta-me a caneca, cumprimentando-me.

— É bom conhecer-te, finalmente. A Hannah contou-me muitas histórias vossas.

Era uma criança na maior parte delas. A Hannah indica-me um lugar numa mesa alta e em estilo bistrô que fica a um canto. Pensei que as janelas deixavam entrar demasiada luz para o quão cedo de manhã achava ser, mas, ao olhar para as horas no micro-ondas, vejo que é quase meio-dia.

— Ben. — A Hannah senta-se ao lado do Thomas, com as mãos uma na outra. — Podes contar-nos o que aconteceu?

Suponho que não conseguiria evitá-lo e devo-lhes uma explicação. O problema é nem saber por onde começar. Quero dizer, sei por *onde* começar, mas a minha boca não parece querer funcionar. Parece estar cheia de algodão ou de alguma coisa, e o que quer que eu diga não irá fazer sentido.

— Eu vou lá para cima. Vocês os dois deviam falar sozinhos.

O Thomas agarra na sua caneca e arrasta a cadeira para trás, esticando as pernas. Vejo a porta da cozinha balançar para trás e para a frente com a sua saída, até parar no lugar.

— Benji, por favor, fala comigo.

Tudo bem, consigo fazê-lo. Fi-lo ontem. É utilizar, novamente, aquelas três palavras e isto fica resolvido. Mas sei sequer quem é a minha irmã? Ou se pode sequer ajudar-me? Talvez isto tudo tenha sido um erro.

Mas ela pode ser a minha única hipótese de ter algum tipo de normalidade, pelo menos por agora.

— Sou... não-binário — finalmente consegui formular aquela frase. Até consegui fazê-lo em duas palavras em vez de três.

A Hannah encosta-se na cadeira. Ao mesmo tempo que olha para mim, parece não me ver. Isto foi um erro. Encontrei um sítio onde ficar e agora fiz, novamente, porcaria. Jesus, onde é que posso ficar depois disto? A mãe, definitivamente, ligou à avó e à tia Susan. Não posso só aparecer na casa de um dos meus colegas. Além disso, como é que iria voltar para casa sem dinheiro para táxis ou boleias? Empurro a cadeira para trás e preparo-me para ir lá acima buscar as minhas coisas, antes de me lembrar de que não tenho nada comigo.

Pelo menos isso significa uma saída mais rápida. É só saltar para fora da porta. Não existe maneira de me lembrar do caminho de volta, pelo que terei de parar numa bomba de gasolina ou algo assim para pedir indicações. Como é que hei de andar tanto e sem sapatos?

— Não Ben, espera. — A Hannah agarra-me o pulso e quase me liberto, mas o seu aperto é demasiado forte. — Desculpa, não estava à espera. — Olha para mim, primeiro para a minha cara e depois para o resto do meu corpo como se me tivesse transformado à sua frente. — Foi por isso que a mãe e o pai te expulsaram?

Assinto.

— Calculei.

— Achei que fossem entender. — Realmente achei. Afinal, são meus pais. Pensei que isso quisesse dizer alguma coisa.

— Lamento, Ben. — Aponta para a cadeira. — Senta-te, por favor.

Olho para ela antes de me sentar, esfregando as palmas suadas na ganga dos meus joelhos. Ainda não tomei banho, o que me faz sentir ainda mais a minha transpiração. Como se tivesse uma cobertura de sujidade da qual nunca me conseguirei livrar.

— Tens dezoito, certo?

Assinto.

— Já terminaste o secundário? — pergunta.

Sinto que a resposta é óbvia, mas lembro-me de que ela não está connosco há dez anos.

— Não.

— Muito bem. Já sei a resposta a esta pergunta, mas queres voltar para casa?

Só de pensar em voltar fico com dores de barriga, como se me contorcessem o estômago.

— Não. Por favor, não.

— Está bem, está bem. Tudo bem. Vamos ter de falar sobre algumas coisas, sim? Escola, roupa nova, tudo o que precisares. Falei com o Thomas e concordamos os dois que fiques cá.

— Tens a certeza?

— Sim, bem. — Passa uma mão nos cabelos ruivos, pintados quase de certeza. Ninguém tem cabelo ruivo na família e quais são as probabilidades de o cabelo dela mudar naturalmente para ruivo? Não mudou muito desde que se foi embora. Sem dúvida que somos irmãos. Os mesmos olhos, o mesmo nariz pontiagudo, a mesma tez pálida, o mesmo cabelo desgrenhado. Pergunto-me se me acha diferente. — Desculpa, estou a pensar. Não sei bem por onde começar com estas coisas.

Não consigo sequer olhar para ela.

— Desculpa.

— Não peças desculpa, sim? A culpa não é tua.

Eu sei disso, lá no fundo sei. Mas agora é difícil de o engolir, de o aceitar.

— Então... quais são os teus pronomes? — pergunta.

A pergunta sobressalta-me. Não no mau sentido, é só estranho. A Hannah é a primeira pessoa a perguntar-me sobre os meus pronomes. A primeira que *teve* de perguntar.

— Elu e delu — tento soar confiante. Mas até mesmo eu consigo ver que falhei miseravelmente nisso.

— Muito bem. Vou precisar de alguma prática, pelo que quero que me corrijas se disser alguma coisa mal, combinado? Queres que seja eu a explicar ao Thomas?

Assinto.

Ao menos não terei de ser eu a fazê-lo.

A Hannah dá-me alguma roupa do Thomas para vestir depois do banho.

— Ele é uns dois tamanhos maior que tu, mas tenho de lavar esta roupa suja antes de ser usada novamente. — Agarra na roupa enquanto me afundo na camisola do Thomas. Pelo menos as calças têm um cordão. — Mais logo saímos para comprar alguma roupa, sim? Os básicos, pelo menos — finaliza.

— Agradeço.

— Eu e o Thomas falámos sobre mudares de escola. Ele é professor na Secundária North Wake e falou com a diretora esta manhã para ver o que seria preciso fazer. Nós também... — Suspira antes de continuar. — Procurámos psicólogos perto, alguém com quem pudesses falar.

Na lista de coisas que queria fazer agora, falar com um psicólogo está bem lá no fim. Diria estar algures entre lutar contra um crocodilo e saltar de um avião.

— Tem mesmo de ser?

— Não, tecnicamente, já não és uma criança. Mas acho que iria ajudar. A minha amiga, a Ginger, foi a uma psiquiatra com o filho quando ele lhe contou que era *gay*. A Dra. Bridgette Taylor. Talvez ela possa ajudar, é especializada em jovens como... jovens tu.

— Jovens *queer*? — perguntei.

A Hannah parece ficar à espera da minha resposta, do meu consentimento. Mas, quando não falo, suspira novamente.

— Pensa nisso, sim? — E sai do quarto.

Sento-me no silêncio, sem saber o que fazer agora. Que é que *fazemos* quando os nossos pais nos expulsam de casa? Quando a vida fica do avesso só porque quisemos dizer a verdade e ser tratados pelos pronomes certos? Mexo-me para agarrar o meu caderno de desenhos antes de me lembrar de que está na minha mala, em casa. Não posso sequer fazer a única coisa que, talvez, me fosse acalmar.

Portanto, faço antes a cama, na esperança de que me dê uma distração suficiente. Talvez a minha mente vagueie por alguns minutos. Mas não ajuda e, quando acabo, volto lá para baixo.

— Tudo bem? — A Hannah continuava entretida com a roupa, escondida por trás de umas portas de fole na cozinha, com um cesto de roupa já lavada e seca.

Ofereço-me para a ajudar, mas recusa.

— Tenho tudo sob controlo. Passa-se alguma coisa?

— Não. Tens um computador que possa usar?

— Claro. — Deixa a roupa em cima da máquina de lavar e entra de novo na cozinha, passando por outra porta. Não tenho a certeza se a devo seguir, mas faço-o.

A sala de estar é mais pequena do que a da casa dos pais, mas nota-se que mora cá gente e parece confortável. A Hannah sempre foi mais desarrumada, mas parece ter encontrado um bom meio-termo. Ou, talvez, seja obra do Thomas.

— Podes ligar-te à tua própria conta, para conseguires entrar e fazer o que precisares. — Agarra no portátil, pousado entre uma mesinha lateral e o sofá, e retira-o do carregador. — Se tiveres alguma dúvida diz, mas debes saber mais destas coisas do que eu.

— Obrigade. — Sento-me no sofá grande. Sei trabalhar com aquele portátil, pois é igual ao que tenho em casa. Escrevo o nome de usuário e palavra-passe do meu *e-mail* para conseguir ler e responder a alguma mensagem que tenha recebido. Não recebi nenhuma, mas Mariam ainda está provavelmente a dormir.

Continuo sem saber como lhe vou contar tudo o que se passou. Quase que entro na minha conta do Facebook, mas paro-me a tempo. Ou melhor, o Thomas pára-me.

— Ben? — chama.

— Sim?

Está vestido mais formalmente do que estava ao pequeno-almoço. Camisa de colarinho com uma malha cinzento-escura por cima, para combinar com as calças.

— Falei com a diretora da escola. Diz que te quer conhecer para começarmos a inscrição.

— Hoje? — pergunto.

— Se estiver tudo bem por ti. Ainda não sei se não vai ser preciso ir à tua escola atual. Mas pode ser que seja possível enviarem os teus registos sem problemas.

— Oh.

— Não temos de o fazer agora. Mas, quanto mais rápido melhor e menos aulas irás perder.

— Sim, quero dizer, tudo bem. — Olho para as calças que tenho vestidas. — Tens mais alguma coisa que pudesse vestir? A Hannah ainda não terminou de lavar as minhas coisas.

O Thomas ri e acena para as escadas.

— Anda.

Quinze minutos depois, estou no carro do Thomas, ainda a usar a camisola que me fica demasiado grande, umas calças que tive de dobrar três vezes e umas meias também elas dobradas à volta dos tornozelos.

Pelo menos é alguma coisa. Acho que a camisola que o Thomas me deu esconde a maior parte do meu desconforto e os sapatos servem-me, o que deve ser algum tipo de milagre. Ou, se calhar, ele só tem os pés mesmo muito pequenos. Até me disse que podia ficar com eles.

— Não me lembro da última vez que os usei.

— Agradeço.

Sáímos da garagem para a estrada e, imediatamente, as coisas ficam estranhas. Que é que eu digo a este homem? Deveríamos falar sobre o quê? Seria estranho fazer-lhe perguntas? Por fim, acabo por perguntar:

— Então... porque é que não trabalhas hoje?

Completamente normal de se perguntar. Bem jogado, Ben.

— Avisei-os logo quando a Hannah me acordou ontem à noite. Percebi que isto seria mais importante.

— Oh. — Brinco com a bainha da camisola — O que é que ensinas?

— Química.

— Isso é fixe. — Espero mais tempo do que o que devia antes de adicionar: — Eu gosto de química.

— É, no mínimo, muito interessante. — Liga o pisca. — É estranho nunca nos termos conhecido.

— Pois. — Baixo a cabeça para os sapatos.

— Os teus pais falavam da Hannah muitas vezes? Depois de se vir embora.

Abano a cabeça.

— Meio que era uma regra não se falar dela. — Agarro, novamente, numa linha solta na manga da camisola e mexo-a por entre os dedos. — Há quanto tempo é que vocês são casados?

— Fez quatro anos em setembro.

— Oh, isso é bom.

— Sim. — Suspira. — A Hannah fala muito de ti. Teve muitas saudades tuas.

As palavras do Thomas sentem-se pesadas no ar e, durante alguns segundos, ninguém fala.

— Eu também tive muitas saudades dela — apresso-me, por fim, a responder.

Não acho que ele tenha percebido ao certo a dimensão do que disse, mas também não há nenhuma razão para isso.

A Secundária North Wake é, sem sombra de dúvidas, melhor que a Wayne.

A Wayne foi construída nos anos sessenta e, ao longo dos anos seguintes, só quando necessário é que foram feitas algumas mudanças. A North Wake é completamente nova, com janelas do chão ao teto, telhados inclinados e cromados. Até o parque de estacionamento está cheio de carros caros.

Tudo parece tão brilhante, novo e arrumado. Como se tudo aqui tivesse um lugar onde pertencesse. Eu, por sua vez, sou a peça extra que não encaixa. Entramos no parque de estacionamento e parámos perto da entrada da escola.

— Chegámos.

Olho para as portas sem me mexer.

— Sabes que não temos de o fazer já, não sabes?
— Mais vale despacharmos logo isto — respondo calmamente.
— Tens a certeza? Não pareces muito contente. Podemos ver outras escolas, só achei que nesta o processo era mais fácil.
— Não lhes quero contar... — deixo escapar — que sou não-binário. As mãos do Thomas deslizam pelo volante.
— De certeza? Isso significa que toda a gente vai usar os pronomes incorretos.

Como se isso não fosse óbvio.

— Não quero saber. — Afinal, já é o normal.
— E tens a certeza de que estás mesmo confortável com isso?
— Absoluta. — E tenho mesmo. Não consigo ter esta conversa outra vez com mais ninguém, pelo menos por agora. A não ser que seja mesmo necessário.

— Pronto, vamos ter de mentir e inventar qualquer coisa. É pesado, mas se a diretora Smith souber que te expulsaram de casa deve ajudar. Encolho os ombros.

— Tanto me faz se sabe ou não.

— Pronto.

O Thomas guia-me pelas enormes portas envidraçadas. Um grupo de miúdos reúne-se perto da entrada e cada um acena ao Thomas enquanto passamos. As férias de Natal já devem ter terminado por aqui. Em casa, tínhamos mais uma semana.

— Pensávamos que estava doente, professor Waller — diz um deles.

O Thomas acena-lhes de volta.

— Não, só tive de tratar de uns assuntos.

Tento andar atrás do Thomas para que não seja feita nenhuma ligação entre nós, mas a forma como os olhos deles passam do Thomas para mim diz-me que é demasiado tarde para isso. Passamos por outras portas envidraçadas que dão para a secretaria e o Thomas acena novamente a um funcionário sentado por trás da secretária.

— Olá, Kev.

— Olá, Thomas. A diretora Smith está à tua espera — informa-nos.

— Obrigado — diz e vira-se para mim. — Espera aqui um minuto. Vou explicar-lhe a situação.

— Está bem. — Sento-me numas poltronas encostadas contra divisórias de vidro. — Não lhe digas. Por favor — peço baixinho.

— Prometo-te que não — garante-me, e há algo no modo como o diz que me faz confiar nele.

Vejo-o a desaparecer e, inconscientemente, meto uma mão no bolso para me entreter com o meu telemóvel, antes de me lembrar que não o tenho. Preciso de falar com a Hannah para arranjar um novo, mas não sei como o vou pagar. Talvez consiga arranjar um emprego, começar a poupar dinheiro. Não sei exatamente quais são as intenções dela, se me deixa ficar até acabar o secundário ou o tempo de que precisar mesmo depois disso.

Depois existe a faculdade, as decisões que decidem o meu futuro inteirinho e as cartas com as respostas das universidades que estão todas endereçadas para a casa dos pais. Não sei se existe alguém com quem possa falar para pedir que seja alterada a morada. Se calhar tenho de me candidatar novamente.

Nem quero pensar em ter de pagar por isso. Não posso pedir a Hannah dinheiro para candidaturas, eu *não quero* que a Hannah tenha de o fazer. Há males que vêm por bem e talvez este seja um deles. Os pais estavam, definitivamente, muito mais entusiasmados do que eu pela minha entrada na universidade.

Talvez seja apenas uma preocupação a menos.

Ainda existe muito por discutir, mas como é que vou pedir ajuda à Hannah para pagar candidaturas a universidades quando ela me pode querer fora de casa muito antes disso?

Sinto a ansiedade a crescer e, mesmo não sendo o momento certo para pensar nestas coisas, não me consigo acalmar. Sempre que levanto os olhos para o relógio no topo da parede é como se o tempo parasse, o que não ajuda na tortura.

Enquanto estou neste frenesim, a porta abre-se e entra um rapaz.

É alto, muito mais alto do que eu, tão alto que as pernas são a primeira coisa em que reparo, magro e moreno. Tem o cabelo escuro e rapado nos lados, pelo que o topo se nota mais.

— Olá, Kev — diz com um sorriso.

— Olá, Nathan. — O funcionário por trás da secretária sorri de volta. — Não arranjaste problemas, pois não?

— Eu sabia que um dia destes seria apanhado. — Este rapaz, o Nathan, ri como se isso fosse a sua atividade preferida do mundo inteiro. — A diretora chamou-me.

— A ti especificamente? — O Kev levanta o sobrolho. — Deve ser uma ocasião muito especial.

— Talvez o meu estatuto como estudante modelo esteja, finalmente, a ser reconhecido.

— Hilariante — diz o Kev sem se rir. — Ela está numa reunião agora, portanto, senta-te. Não deve demorar muito.

— Fixe. — O Nathan senta-se ao meu lado e cruza uma das pernas sobre a outra, descansando as mãos no colo. Demora apenas uns segundos até quebrar o silêncio. — És novo? Acho que nunca te vi. — Ajeita a sua posição para me poder encarar.

— Sim. Acabei de me mudar. — Brinco com os pés, e sinto as meias a escorregar.

— Fixe. Sou o Nathan. — Estende-me uma mão.

Agarro-a devagar, mas não a abano, não sei porquê. É como se o meu cérebro estivesse atrasado em relação ao resto do corpo.

— Ben.

— És de onde, Ben?

— Daqui — respondo antes de entender o que disse. — Bem, não daqui, mas sou da Carolina do Norte — corrijo. Bolas, nem consigo falar normalmente. — Goldsboro, sou de Goldsboro — digo, finalmente.

— Oh. — Felizmente, não se ri da desgraça andante que sou. — Não muito longe, então?

— Sim. Quero dizer, não.

— Ben. — Somos interrompidos pelo Thomas, que me salva de me continuar a envergonhar. — A diretora quer falar contigo.

— Olá, professor W! — O Nathan anima-se. — Disseram que não vinha hoje.

— Olá, Nathan, vim ajudar aqui com umas coisas. — O Thomas mete as mãos nos bolsos. — Que estás aqui a fazer?

— A diretora chamou-me.

— Oh — responde-lhe o Thomas, parecendo confuso antes de olhar de novo para mim. — Anda, Ben. Ela está à espera.

— Boa sorte, Ben. Espero ver-te por aí. — O Nathan sorri para mim.

— Sim — respondo com um pequeno sorriso antes de seguir o Thomas pelo corredor.